



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

O desenvolvimento do turismo em Praia Grande e o relacionamento entre turistas e moradores locais¹

Leandro Rodrigues Gonzalez Fernandez²
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

O trabalho trata da evolução do modelo de desenvolvimento do turismo no município de Praia Grande abrangendo alguns marcos importantes na transformação do local: construção de rodovias que dão acesso a cidade, obras de saneamento e a obra de reurbanização da orla marítima. Pretende-se com este estudo identificar alguns impactos decorrentes da atividade turística que levam a um possível contexto de hostilidade no relacionamento entre turista e morador local.

Palavras-chaves: desenvolvimento do turismo; impacto; hostilidade.

Este artigo se propõe a traçar um panorama do desenvolvimento do modelo de Turismo no município de Praia Grande – SP e relaciona-lo com alguns impactos sociais da atividade turística que possam acarretar num contexto de hostilidade.

Para tanto, elegeu-se como marcos fundamentais desse desenvolvimento a construção de rodovias que dão acesso a cidade, obras de saneamento e a obra de reurbanização da orla marítima do município.

1 Alguns dados sobre Praia Grande

De acordo com informações retiradas do site oficial do município de Praia Grande – SP, a cidade possui área territorial de 145 Km², localiza-se a uma altitude média de 5m acima do nível do mar no litoral sudeste do Estado de São Paulo, compondo parte da região metropolitana da Baixada Santista.

¹ Trabalho apresentado GT - Interfaces com a Gestão de Negócios do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Bacharel e Mestre em Turismo pelo UNIBERO. Mestrando em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Professor e coordenador dos cursos de Turismo da Faculdade Maria Montessori de Educação e Cultura (FAMEC) e da Faculdade Associada de Cotia (FAAC). Professor do curso de Turismo da Universidade Santo Amaro (UNISA). Encontra-se em fase inicial da pesquisa.



De acordo com a mesma fonte, o clima do local é tropical úmido sem estação seca e com temperatura média anual de 27°C. Distam 72 quilômetros da capital do Estado, São Paulo. E possui população flutuante de 300.000 habitantes nos finais de semana à 1.500.000 na alta temporada de verão.

1.1 Infra-estrutura de Acesso

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registra a estimativa populacional para 2006 de 245386 habitantes. Levando em consideração as informações mencionadas no parágrafo anterior sobre população flutuante, verifica-se que em alguns momentos o crescimento populacional do local é de cerca de 500%. Tal crescimento momentâneo se deve em grande parte à atividade turística e as facilidades de acesso, representadas pelas infra-estruturas rodoviária.

As principais vias de acesso ao município são o complexo rodoviário do sistema Anchieta/Imigrantes (SP-150 e SP-160), Rodovia Padre Manoel da Nóbrega (SP-055) e Rodovia Régis Bittencourt (BR-116).

O principal fluxo turístico de Praia Grande entra pelo sistema viário Anchieta/Imigrantes que interligam o município de São Paulo com o município de Cubatão. Em Cubatão segue-se pela Rodovia Padre Manoel da Nóbrega até Praia Grande. Mesmo de outras regiões do estado com populações expressivas, como a região metropolitana de Campinas por exemplo, o fluxo por esses acessos são obrigatórios.

A Via Anchieta teve autorização para ser construída em 1934. Após vários problemas, inclusive econômicos que acarretaram na paralisação das obras, a inauguração só aconteceu treze anos depois. Em abril de 1947, era inaugurada a pista ascendente e a segunda em 1953, trazendo mais movimento, com o crescimento do Porto de Santos e da Baixada Santista.

Diante da saturação da Via Anchieta, em 1968 o governo de São Paulo resolveu construir a Imigrantes. Com isto, a empresa de capital misto Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S.A.) foi criada para administrá-la e construir a Imigrantes, cujas obras começaram pelo trecho do Planalto e inauguradas em 23 de janeiro de 1974. O complexo Anchieta-Imigrantes possui hoje 176 quilômetros de extensão.

“A Imigrantes tem 44 viadutos, sete pontes e 11 túneis, em 58,5 km de extensão, de São Paulo até Praia Grande. De 1972 a maio de 1998, pelo seu pedágio passaram 127.341.358



veículos.” (informação retirada do site www.estradas.com.br) No mesmo período passaram pela rodovia Anchieta 104.628.534 veículos.

Após nova saturação foi realizada a duplicação da Rodovia Imigrantes. Construiu-se uma pista descendente inaugurada em 17 de dezembro de 2002. (www.ecovias.terra.com.br)

Todas essas facilidades de infra-estrutura estimulam o aumento do fluxo turístico para o litoral do Estado de São Paulo, sobretudo para o município de Praia Grande, por se tratar de um local muito próximo a capital paulista.

1.2 A Falta de Saneamento

A história da falta de saneamento do município de Praia Grande começa na verdade com as primeiras intervenções urbanísticas realizadas em Santos, uma das cidades mais antigas do Estado.

Pode-se dizer que com a intervenção urbanística em Santos realizada por Saturnino de Brito, iniciou-se a falta de saneamento de Praia Grande. Isso porque tal interventor chefiou uma Comissão de Saneamento para combater epidemias como febre amarela, varíola e tuberculose, determinando a construção da Ponte Pênsil em 1914 com a finalidade de conduzir os esgotos de Santos para Itaipu, região das praias de Praia Grande. (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002)

Apesar da construção da ponte ter beneficiado a população que habitava o local, proporcionou também muita poluição. Esse período marcou também o início da especulação imobiliária que passou a valorizar os terrenos. (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002)

A partir de então, as necessidades de interligação da capital do Estado de São Paulo com o porto de Santos por finalidade de escoamento de produção para exportação foram proporcionando um crescimento populacional, comercial e urbano, passando a existir a construção das rodovias de acesso ao local interligando São Paulo a Santos.

Junto com o crescimento comercial e populacional cresceu também a procura pela praia, fazendo confundir a história da cidade de Praia Grande com a história do turismo.

A única obra de saneamento do município foi realizada a partir de 1993 na administração do prefeito Alberto Pereira Mourão.

1.3 Praia Grande e o Turismo



No início do século XX o banho de mar era muito mais procurado com a finalidade de melhorar a saúde, com fins terapêuticos, do que de lazer. Calis, Silva e Siqueira (2002, p. 72-73) relatam que o turismo teve várias transformações na Praia Grande.

“ Ao longo dos anos, o turismo da cidade sofreu transformações. Na década de 60 e 70, a cidade recebia o turista de um dia, que vinha à praia para se divertir no mar. Para atendê-lo, existiam cabines de banho e até maiôs que podiam ser alugados. O comércio procurava atender o gosto deste turista. Durante muito tempo, apesar de muitas pessoas chegarem na cidade, não havia infraestrutura suficiente para atendê-las. Vários ônibus chegavam e ficavam ao longo da praia. As famílias traziam o que comer e não se importavam com o lixo que produziam. A areia, o mar, as ruas e as praças ficavam muito sujas”

Durante muito tempo, Praia Grande ficou conhecida como uma cidade de praias sujas e poluídas e havia muito preconceito contra a cidade. Abrigou também por um longo período um terminal turístico destinado a receber o turista de um dia.

Sobre os terminais turísticos e do turista de um dia, Rodrigues (1999) escreve a respeito das políticas públicas da década de 80 que sob o discurso de proporcionar um lazer com dignidade para o povo, mantinham a população trabalhadora segregada nos terminais turísticos, ou seja, afastada do “consumidor” de maior poder aquisitivo. E assim descreve os terminais turísticos:

“ ... A maior parte deles foi construída em terrenos doados pelas prefeituras locais, evidentemente em áreas desprovidas de valores cênicos consideráveis, não valorizadas pelo mercado imobiliário e de baixa ocupação populacional. A área construída para os serviços oscila entre 4000 e 5000m². Consta de sanitários com duchas, áreas cobertas para piqueniques, guarda-bagagem, posto de saúde, posto policial e posto de salvamento. Cada um dos cinco terminais turísticos recebe, em média, de cento e cinquenta a duzentos ônibus por domingo, perfazendo um total aproximado de 40000 usuários. Mas em apenas um deles, na praia de Perequê-Açu, existe pátio para estacionamento.” (RODRIGUES, 1999, p. 115)

Como comenta Rodrigues (1999) no mesmo texto supracitado, todos os terminais foram desativados. No caso de Praia Grande, no balneário de Paquetá, a área onde era o terminal turístico foi doada pela prefeitura a um grupo de empresários que irão construir o Parque da Mônica. Essa informação é estampada com orgulho no site oficial do município além de ter sido confirmada pela assistente técnica de turismo Rita em entrevista gravada no dia doze de julho de 2007 na Secretaria de Turismo.

A política segregacionista criticada por Rodrigues (1999) não só deixou de existir como apertou ainda mais a fiscalização contra o turismo de um dia, pelo menos no caso de Praia Grande. Hoje em dia é proibido estacionar ônibus de turismo na avenida da praia ou em qualquer outro local, salvos os casos em que o organizador da excursão enviar fax de confirmação de reserva de uma das colônias de férias do município para a prefeitura municipal.

Praia Grande conta com uma grande concentração de colônias de férias, a maior parte delas localiza-se no bairro de Vila Mirim, na Avenida dos Sindicatos, próxima a estátua de Iemanjá situada na orla da praia.

Além da legislação, o município conta também com cerca de 2000 câmeras espalhadas pelos locais de maior movimento da cidade com a finalidade de inibir a violência e a criminalidade. Tais câmeras garantem a fiscalização e multa dos ônibus de turismo não autorizados.

Como relatou Rodrigues (1999) a respeito da política de segregação social e espacial materializada nos terminais turísticos que tinham por finalidade tirar o “farofeiro”³ das outras praias e oferecer condições para que o “farofeiro” usasse o terminal. Hoje o terminal turístico em Praia Grande foi substituído pela Avenida dos Sindicatos, com colônias de férias de infraestrutura mais bem planejadas e inseridas no contexto capitalista, porém com o mesmo objetivo, criar um local onde essa população possa circular.

1.4 Reurbanização da Orla Marítima

Na administração do prefeito Alberto Pereira Mourão de 1993 a 1996 foi criado um plano para reurbanizar a orla marítima de Praia Grande e, conseqüentemente, atrair mais investimentos privados e revitalizar o município.

³ Nome pejorativo dado ao turista de um dia de baixa renda que tem por hábito carregar consigo comida para toda a jornada de lazer.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

De fato a obra, ao ser iniciada, trouxe aos poucos uma nova identidade para a cidade. Um novo “boom” impulsionou a especulação imobiliária a níveis nunca antes alcançados

“ Com as reformas, os moradores começaram a valorizar a cidade e a criar com ela uma identidade” (CALIS; SILVA; SIQUEIRA, 2002, p. 76) .

Essa identidade só foi possível de ser criada devido ao perfil do projeto piloto da obra de reurbanização, que foi desenvolvido e aplicado de acordo com a demanda do município e até mesmo de cada bairro.

Por estar numa área muito plana, a geografia favorece a prática de caminhadas. Muitas pessoas se locomovem em bicicletas. Levando isso em conta a reforma da orla criou uma ciclovia que margeia toda a orla marítima do município, bem como um calçadão com várias áreas de descanso (bancos) e paisagismo. Na figura abaixo é possível observar esses detalhes.



Figura 1 - ORLA MARÍTIMA REURBANIZADA.

Fonte: www.praia grande.sp.gov.br

Foram incluídos também no projeto áreas com *playground* para crianças, áreas com equipamentos esportivos e estruturas em concreto que são comercialmente explorados somente por praticantes e professores de esportes radicais como *skate* e *surf*.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Ainda na orla marítima encontram-se centros de convivência para a terceira idade. Tal iniciativa foi incluída ao projeto por causa da grande parcela da população de terceira idade existente no município⁴. Além da estrutura em concreto das “Boutiques do Peixe”, áreas onde antigamente os pescadores organizavam-se para vender seu pescado aos moradores e turistas em barracas improvisadas com madeira e lonas.

Na figura abaixo é possível observar os centros de convivência destinados a terceira idade



Figura 2 - DETALHE DO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DA 3ª IDADE AO LADO DA ESTÁTUA DE NETUNO, NO BAIRRO CIDADE OCIAN

Fonte: www.praiagrande.sp.gov.br

Fernandez (2000) desenvolveu um trabalho de conclusão de curso a respeito dos impactos sociais da obra de reurbanização da orla marítima de Praia Grande. Na ocasião, a orla não havia sido reurbanizada em toda sua extensão, por este motivo foram selecionados como objetos de estudos dois bairros: um onde a obra já havia sido concluída (Cidade Ocian) e um onde a obra ainda não havia chegado (Vila Caiçara).

⁴ De acordo com dados oficiais do IBGE, o município de Praia Grande possui cerca de 9,5% da população residente de pessoas com 60 anos ou mais de idade

O objetivo do trabalho era identificar a existência de impactos de ordem social provenientes do encontro entre turistas e moradores locais e se a obra de reurbanização influenciou em alguma melhora nesse relacionamento.

Para tanto foi aplicado um questionário padrão com a técnica da Escala de Likert para mensurar os impactos em cada bairro e efetuar uma posterior comparação entre os mesmos.

Na tabela abaixo se encontram os resultados qualitativos obtidos a partir da análise comparativa.

Tabela 1 – ANÁLISE COMPARATIVA DE IMPACTOS SOCIAIS DA OBRA DE REURBANIZAÇÃO DA ORLA MARÍTIMA DE PRAIA GRANDE⁵

Bairro com orla reurbanizada (Cidade Ocian)	Bairro onde a obra de reurbanização da orla não chegou (Vila Caiçara)
- Não participam de programas e ações comunitárias	- Não participam de programas e ações comunitárias
- Reconhecem a dependência econômica do turismo, mas irritam-se com a presença excessiva de turistas nas temporadas	- A dependência econômica em relação ao turismo também é reconhecida - Há uma euforia que evidencia a ânsia em obter mais lucros com a atividade turística
- Rejeição: os turistas são muito mal educados, arrogantes, culpados pela elevação de preços na alta temporada e pela sujeira nas ruas e praia	- A rejeição aos turistas aparece nos mesmos aspectos, mas parece ser menor por haver esperança de melhoria na qualidade de vida com um acréscimo no fluxo de turistas
- O nível econômico dos turistas aumentou, mas o comportamento não alterou-se	-

Ao final do estudo realizado foi possível identificar que o município já sofria com os impactos negativos gerados pelo turismo antes da realização da obra, não havendo influência direta da reurbanização da orla com os impactos da atividade turística.

⁵ Fonte: FERNANDEZ (2000). Adaptado pelo autor



Identificou-se também que, apesar de apresentar os mesmos impactos constatados na porção já reurbanizada do município, o bairro de Vila Caiçara vivia na época uma grande expectativa de melhoria de qualidade de vida com a chegada da obra.

Embora tenha melhorado muito a qualidade de vida das pessoas, a revalorização do local não aumentou a participação da comunidade em projetos comunitários.

Já no bairro de Cidade Ocian (porção reurbanizada), constatou-se que, de acordo com a opinião dos entrevistados, o nível econômico dos turistas aumentou, mas o comportamento dos mesmos em relação ao local não se alterou.

Esse aspecto se confirmou novamente na entrevista realizada no dia 12 de julho de 2007 com a funcionária da Secretaria de Turismo (já mencionada anteriormente), que reforçou essa constatação.

2 Impactos do Turismo

Retomando o objetivo deste artigo de identificar impactos decorrentes da atividade turística que acarretem num contexto de hostilidade, partiu-se da teoria de Krippendorf (2000) para depois formular uma nova entrevista com habitantes da Praia Grande.

Krippendorf (2000) escreve sobre as circunstâncias desfavoráveis ao encontro entre turistas e moradores locais. Dentre esses fatores desfavoráveis estão o fato da liberdade e o prazer de um serem o fardo e o trabalho do outro. Ou seja, o dinheiro de um (do turista) é o pão do outro (morador local). Outro fator desfavorável é a organização e brevidade da viagem, que não permitem um contato.

“ Assim, a massificação da viagem, a organização racionalizada e o desenvolvimento padronizado impedem mais uma vez as relações calorosas e qualquer tipo de troca intelectual. Contatos tão superficiais não resultam em nada mais do que sorrisos comerciais e polidez estéril. O turista que, eventualmente, procura algo mais, esquece, freqüentemente, que a experiência única que ele vive representa, para o autóctone, a repetição contínua das mesmas situações. Ocorre perpetuamente as mesmas situações, as mesmas excursões, as mesmas festas e as mesmas perguntas. Os turistas sucedem aos turistas, são centenas, milhares. A espontaneidade se embota (...) Exigi-se, permanentemente, que estes estejam disponíveis, sejam gentis, bem educados, atenciosos e alegres. Mas muitos são os autóctones saturados com os contatos, e os sintomas de desgaste aparecem, mais cedo ou mais tarde. O autóctone é sobrecarregado. Ele se isola ou se torna nervoso e agressivo.(...) (KRIPPENDORF, 2000, p. 84-85)



No trecho acima citado o autor nos alerta para outra condição desfavorável ao encontro: o turista vive um momento único e espera ser tratado com alegria, mas para o morador local a experiência do encontro é rotineira.

Cabe ressaltar também que na citação supracitada Krippendorf (2000) nos chama atenção para o fato do morador se isolar e tornar-se agressivo. Por esse motivo “ (...) as populações visitadas sentem ainda menos que os turistas, a necessidade de contato (...)” (KRIPPENDORF, 2000, p. 85).

Esse aspecto revela um indicador de hostilidade, ou falta de hospitalidade.

Ainda sobre as condições desfavoráveis do encontro, cabe transcrever aqui um trecho da entrevista realizada com a assistente técnica de Turismo da Secretaria de Turismo no dia 12 de julho de 2007. Tal entrevista teve por objetivo a aplicação de um pré-teste de formulário de pesquisa com o público-alvo do objeto de estudo da dissertação de mestrado. Diante da afirmação colocada pelo entrevistador de que os turistas são muito mal educados, a funcionária assim se posicionou:

“ Concordo. Mas vamos colocar assim... não são todos os turistas que são mal educados. Mas aqui é assim... a turma de São paulo vem pra cá. Eles vêm pra cá e eles pensam: Bom, eu estou de férias, naquela cidade é minha cidade de férias. Então eu estou lá a vontade e eu posso escutar rádio até três ou quatro horas da manhã. Eu posso fazer bagunça na rua. Eu posso tomar cerveja na rua, como se eu estivesse na minha casa. Só que aí eles têm que entender que a cidade tem m oradores. E tem uns que não entra isso na cabeça deles. Pra eles, eles estão de férias. Agora, tem aquele coitado que mora lá do lado da casa dele que tem que acordar no outro dia seis horas da manhã pra trabalhar.”

Analisando o trecho da entrevista acima transcrita, fica clara a evidência da teoria de Krippendorf (2000) a respeito das condições desfavoráveis do encontro entre turista e morador, sobretudo no momento em que ele relata que ambos estão em situações opostas, ou seja, enquanto um trabalha o outro se diverte. É exatamente isso que a Rita, assistente técnica de turismo da Secretaria de Turismo de Praia Grande nos confirmou por meio de seu depoimento.

3 Hostilidade ou Hospitalidade ?

A hospitalidade é fundamental para discutir as relações entre turistas e anfitriões no espaço de Paria Grande.



Para Derrida (apud ORTEGA, 2000)⁶, a hospitalidade é o nome geral para todas as nossas relações com o “outro”. Daí a importância dos estudos de hospitalidade para o presente tema de pesquisa.

Como resultado de uma relação com o “outro” temos duas possibilidades: o bom relacionamento, ou hospitalidade, e o mau relacionamento, ou hostilidade. São dois reversos de uma mesma moeda.

Para Grinover (2007, p. 154) a falta de hospitalidade é igualmente importante de ser estudada. Assim se coloca:

“... Aliás, os inconvenientes da hospitalidade, as diversas formas da não-hospitalidade não são menos ricas em ensinamentos do funcionamento de um acolhimento, muitas vezes ambíguo, certamente complexo, na forma de compartilhar o que a hospitalidade implica ... “

Essa ambigüidade do termo é notória, pois a hospitalidade como forma de estabelecimento de vínculos sociais tem que se iniciar de uma das partes da relação. E tal iniciativa constitui-se num risco. Sobre esse aspecto Montandon (2003, p.141-142) se posiciona:

“... Ela é sempre uma prova e um risco, pois integra ao mesmo tempo regras, mas entre elas também a extrapolação da regra... Ela é como abertura para a alteridade absoluta, algo de desestruturado e desestruturador. Há uma força corrosiva da hospitalidade...”⁷

Ao adentrar no espaço do “outro”, o turista deve levar em consideração que está chegando numa cidade, num local sem ser convidado, devendo respeitar os códigos sociais do local para não ferir o sentimento de pertencimento do sítio simbólico (ZAOUAL, 2006).

Sobre o sentimento de privacidade, de pertencimento de espaço, Montandon (2003, p.133) considera:

Tudo se inicia nessa soleira, nessa porta onde batemos e que vai se abrir apresentando uma figura desconhecida, estranha. Limite entre dois mundos, entre o exterior e o interior, o externo e o interno, a soleira é a etapa decisiva comparável a uma iniciação. É a linha de demarcação de uma intrusão, pois a hospitalidade é intrusiva, comporta querendo ou não uma face de violência, de ruptura, de

⁶ In BUENO, Marielys S. & DENCKER, Ada de Freitas M. (orgs.), 2003, p.113.

⁷ “Com o convite a porta está aberta, com a condição de se respeitar as leis. Na visitação, tem-se a irrupção daquele que chega sem ser convidado, o visitante imprevisível. A hospitalidade se situa entre os dois, ela atua nos limites, na fronteira do humano e do divino, do profano e do sagrado, de si mesmo e do estrangeiro” in BUENO, Marielys S. & DENCKER, Ada de Freitas M. (orgs.), 2003, p.142 (rodapé sobre Théorème de Pasolini).



transgressão e mesmo de hostilidade, que Derrida chama de hospitalidade. A soleira marca uma fronteira, uma passagem, e sua ultrapassagem implica tacitamente para o convidado a aceitação das regras do outro. Tal é a questão do próprio, daquilo que constitui minha identidade ao pertencer a um território, a um espaço onde o outro aparece de uma maneira ou de outra como um intruso...

Na citação acima fica clara a relação existente entre o sentido de pertencimento do território e o sentimento de invasão de privacidade (intrusão como coloca o autor) no momento em que as regras da hospitalidade são quebradas pelo turista. E que como possibilidade de resultado dessa não aceitação das regras tem-se a hostilidade.

É justamente esse sentimento de pertencimento e hostilidade que pretende-se investigar em Praia Grande –SP, já que o objetivo geral da pesquisa é analisar como o desenvolvimento turístico de Praia Grande – SP levou a apresentação de traços de hostilidade no relacionamento existente entre seus moradores e turistas.

4 Considerações Finais

Não se pretende aqui encerrar as discussões acerca do desenvolvimento turístico de Praia Grande e como ele ocasionou impactos sobre a população podendo gerar um contexto de hostilidade.

Pelo contrário, se trata de uma reflexão inicial sobre o assunto e se pretende obter contribuições para que o tema possa ser desenvolvido com a devida seriedade.

5 Referências Bibliográficas

BUENO, Marielys Siqueira. Festa dos Santos reis: uma forma de hospitalidade. In BUENO, Marielys S. e DENCKER, Ada de Freitas M. (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p.113-119.

CALIS, Magna Flora; SILVA, Mônica Solange Rodrigues; SIQUEIRA, Fátima Valéria. *Paisagens da Memória: história de Praia Grande*. Praia Grande: Prefeitura Municipal da Estância balneária de Praia Grande. Secretaria de esportes, Cultura e Turismo. Secretaria de Educação, 2002.

FERNANDEZ, Leandro Rodrigues Gonzalez. *Impactos Sociais da Obra de Reurbanização da Orla Marítima de Praia Grande*. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – centro Universitário Ibero-Americano. São Paulo, 2000.

GRINOVER, Lucio. *A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. 3. ed. Revisada. São Paulo: Aleph, 2000.

MONTANDON, Alain. Hospitalidade Ontem e Hoje. In: BUENO, Marielys S. e DENCKER, Ada de Freitas M. (orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p.131-143.

RODRIGUES, Adyr B.. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1999.

ZAOUAL, Hassan. *Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Duplicação da Imigrantes . Disponível em: <[http:// www.ecovias.terra.com.br](http://www.ecovias.terra.com.br). Acesso em: 27 mar. 2007.

História das Rodovias. Disponível em: <<http://www.estradas.com.br>. Acesso em: 27 mar. 2007.

Histórico. Disponível em: <<http://www.praia grande.sp.gov.br>. Acesso em: 23 jul. 2007.